

(\*) *Ângela Maria de Sousa Lima* é Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP), professora do PPG em Ciências Sociais e Pró-Reitora de Graduação da UEL (2014-2017). @ [angelammaria@sercomtel.com.br](mailto:angelammaria@sercomtel.com.br) *Eduardo Carvalho Ferreira* é Doutorando em Educação (USP) e monitor do Laboratório de Ensino de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP. @ [edu.ferreira@usp.br](mailto:edu.ferreira@usp.br)

# Conversas com professores:

## percepções sobre o ensino escolar de sociologia

### Conversation with teachers: perceptions about sociology's school teaching

Ângela Maria de Sousa Lima\*  
Eduardo Carvalho Ferreira\*

**RESUMO:** O contexto que envolve o ensino escolar de Sociologia atravessa um momento de divergências de interesses e de indefinições em relação aos fundamentos e objetivos de sua noção de conhecimento. Isso se dá na medida em que a construção dos seus saberes reflete, por um lado, as demandas externas à escola e, por outro as disposições internas sobre o que é importante para o processo de aprendizagem. Essa situação tem influência direta na forma como esse conhecimento tem sido fabricado, por isso precisamos compreender como essa conjuntura interfere no processo de construção do conhecimento escolar de Sociologia e na configuração de suas práticas de ensino. Este artigo busca problematizar algumas dessas implicações por meio de entrevistas com professores sobre suas representações acerca do ensino escolar de Sociologia.

**Palavras-chave:**  
Professores.  
Representações.  
Ensino. Sociologia.

## I ntrodução

[...] Inserir um conteúdo novo dentro do sistema escolar não parece ser uma tarefa fácil, ainda mais quando se trata de um conteúdo potencialmente crítico, que tem por objeto a sociedade ela mesma. (CHATEL, 1989, p.4).

O excerto acima nos fornece uma boa ideia sobre a problemática e o objetivo central deste artigo, que é investigar o processo de fabricação da disciplina escolar de sociologia. A Sociologia retornou tardiamente ao nosso sistema de ensino após seu projeto ter se arrastado por alguns anos, perturbado

pela compreensão que dele tinham os governos e alguns setores do campo educacional. A disciplina foi legalmente reintroduzida em 2008, após anos de disputas e questionamentos acerca de sua legitimidade, tendo sido reclamada, notadamente, depois de aparecer como tema transversal na Lei de Diretrizes e Bases, Nº 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996.

A análise do processo de inclusão da Sociologia no sistema de ensino escolar brasileiro, de certa maneira, constitui um objeto de estudos em fase exploratória, em virtude do fato de que muitas justificativas e afirmações elaboradas sobre esse tema ainda tratem apenas de

hipóteses e pistas para aprofundamentos teóricos e empíricos em frentes de investigações que tragam mais subsídios para a compreensão mais próxima possível da realidade do que foi e do que tem sido praticado como ensino das ciências sociais/sociologia (SILVA, 2010, p. 23).

Tal incongruência, não de conteúdo apenas, mas também de continuidade, dificulta a compreensão do processo de conhecimento escolar de Sociologia, obscurecendo as definições dos conteúdos e métodos para as práticas de ensino.

Neste artigo, analisam-se algumas entrevistas com professores com a intenção de problematizar a noção de conhecimento escolar de Sociologia por eles fabricada em suas práticas pedagógicas. Tal inventário nos coloca em posição de refletir sobre as suas questões mais internas, no que diz respeito às condições processuais da construção da própria noção de conhecimento, o tratamento metodológico, a organização dos conteúdos, as representações sobre ciência e conhecimento escolar. Com base nessas percepções dos professores, há possibilidade de compreender melhor como o conhecimento escolar de Sociologia é fabricado.

## **Materiais e Métodos**

A pesquisa foi realizada com dez professores de Sociologia no ensino médio da rede pública estadual do município de Londrina-PR<sup>1</sup>. Optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, durante os meses de novembro de 2010 a fevereiro de 2011. O objetivo das entrevistas foi compreender, por meio das descrições das experiências em torno do ensino escolar de Sociologia, as percepções dos professores sobre o conteúdo do ensino, as suas finalidades, seus métodos e metodologias, a relação entre as propostas curriculares e as práticas de ensino, em suma, seus entendimentos sobre o conhecimento escolar de Sociologia, as aproximações

1 Nas entrevistas, os professores foram nomeados por letras do alfabeto com o intuito de não identificá-los.

e os distanciamentos. Metodologicamente, recortaram-se as entrevistas com base nos vetores ensino e sentido. A seleção dos professores entrevistados atendeu a dois critérios essenciais: 1) ter formação em Ciências Sociais; 2) pertencer a instituições públicas de ensino. Cabe ressaltar que esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa que não teve como preocupação o rigor estatístico, por isso se esclarece que a definição do número de professores que compõe a amostragem não corresponde a um número proporcional ao total de professores locados nas escolas da cidade de Londrina.

Quadro 01 - Caracterização dos professores

	Entrevistados
<b>Faixa Etária</b>	
25 -30	04
Acima dos 30	06
<b>Sexo</b>	
Masculino	01
Feminino	09
<b>Formação Acadêmica</b>	
Ciências Sociais	10
Outras disciplinas	00
Pós-Graduação	06
<b>Disciplinas lecionadas</b>	
Sociologia	10
Outras (Ensino religioso, História e Filosofia)	02

## Ensino e Sentido: as “funções” do conhecimento escolar de sociologia

A problematização inicial por parte dos professores consiste em apresentar o conhecimento escolar de Sociologia como um tipo de dispositivo capaz de ampliar o referencial teórico de compreensão dos estudantes em relação à sociedade e as situações escolares. Para eles, o conhecimento oferecido pelo ensino escolar de Sociologia possibilita aos estudantes conhecer os fatores que condicionam a existência social e os desafios impostos pelas transformações mais recentes no contexto socioeconômico, o que envolve as relações de poder, as determinações econômicas, os processos integrados de socialização e os mecanismos de legitimação ideológica. Assim, estabeleceu-se numa primeira abordagem um determinado *sentido* para o ensino da disciplina que converge com o que poderíamos chamar de *questões sociais*.

[...] eu tento mostrar para o aluno que a sociologia oferece uma ajuda para nosso comportamento na sociedade.

Para ele se tornar mais consciente, mais crítico, não aceitar todas as coisas sem pensar. Os alunos têm que compreender a sociedade, problematizar as questões do dia-a-dia. (C)

[...] encontramos uma cultura de uma juventude que não se envolve nas questões sociais. (J)

A argumentação de manter a sociologia como componente obrigatório do ensino médio está pautada no entendimento de que ela cumpre com papéis intransferíveis a outras disciplinas, mesmo que o seu ensino não responda por todas as tarefas de *conscientização* dos estudantes, já que o contexto escolar mobiliza um conjunto amplo de fatores e, por isso, as perspectivas de todas as disciplinas são igualmente importantes. Isso acontece em virtude de aportar um tipo de leitura sobre a sociedade que as outras não apresentam, além de fornecer habilidades cognitivas e argumentativas peculiares ao campo sociológico, no sentido de preparar os estudantes para refletir sobre questões que envolvem a condição humana. Com efeito, sua preocupação geral é educar os estudantes a pensar e questionar a vida social para que eles desenvolvam possibilidades de compreensão e enfrentamento dos problemas e situações cotidianas. Assim, relatou um professor:

[...] é um estudo científico, eles não vão conseguir ter em nenhum outro lugar. Eles têm milhões de dúvidas, eles se fazem milhões de perguntas, que a sociologia pode ajudar, nos ajudando a refletir, a pensar sobre a própria questão de desnaturalizar mesmo tudo isso que está aí colocado como normal “pra” eles e que eles acham que a culpa é deles. [...] Aí vai trabalhando a questão do senso comum, do dogmatismo e etc. Porque senão eles confundem isso, eu deixo claro o que é a ciência, o que são as teorias, os métodos, as pesquisas. Por conta disso, “pra” que eles entendam o que é ciência. (D)

A proposta é de um ensino que forneça orientações aos estudantes, no sentido de que eles aprendam a se utilizar das capacidades críticas, contextualizando e problematizando suas próprias relações sociais. Seu objetivo é fazer com que os estudantes conheçam os instrumentos lógicos e saibam aplicá-los em suas reflexões sobre os problemas concretos. Os professores justificam o conhecimento escolar de Sociologia mediante o preenchimento das lacunas geradas por essa necessidade. Pode-se apreender, com ensejo nisso, que o conhecimento escolar de Sociologia é fabricado como um tipo de método propedêutico, que possibilite o acesso à informação sobre assuntos e temas socialmente relevantes.

[...] nas reuniões pedagógicas, sempre chamavam a gente para falar: olha gente tem problema de violência na escola, de gravidez, de drogas, disso e daquilo, das famílias. Então a partir da discussão da sociologia, da filosofia, das áreas de humanas eles tentavam tirar alguns direcionamentos para tentar fazer com que a escola modificasse sua maneira de tratar os problemas. (J)

[...] Eu vejo assim, a equipe pedagógica espera, em algumas escolas, que a sociologia resolva os problemas. Você observa isso através das falas, isso é para sociologia, tal tema é para sociologia, qualquer assunto um pouco mais polêmico, chama a professora de sociologia, isso a gente já percebe. (I)

Esse método de ensino resulta de um processo de conversão que reconfigura parcialmente os conteúdos da ciência de referência, no caso as Ciências Sociais, em procedimentos didáticos que possibilitem uma apreensão teórica mais significativa e favoreçam as possibilidades pedagógicas. Neste sentido, declara-se o ensino escolar de Sociologia com base na sua capacidade de abstrair as práticas socioculturais e codificá-las em um tipo de conhecimento pautado nas particularidades da formação no ensino médio.

[...] serve para desenvolver a reflexão sobre o senso comum, para ser crítico. Minhas aulas tentam estimular a formação de opiniões. (E)

[...] eu realmente acredito que serve para as pessoas serem mais críticas com relação às desigualdades, as discriminações. (B)

Tal configuração do ensino escolar de Sociologia se fundamenta na aceção de que o ensino médio possui particularidades que devem ser incorporadas na construção da noção de conhecimento. Assim, ao analisar as falas dos professores, algumas categorias se apresentam como preponderantes na apreçoção de sentido ao ensino e pode-se afirmar que são basicamente três: *a cidadania, a crítica e a ciência*. Dizem os professores que um dos problemas é que a mesma escola que ensina contribui com o desmembramento do potencial criativo dos estudantes e o direito deles em transformar suas realidades. Nesse sentido, as percepções em torno da discussão sobre o papel do conhecimento escolar de sociologia em relação à formação para a cidadania refletem um contexto de incertezas sobre as finalidades da disciplina. Os professores demonstram uma postura crítica em torno da noção de cidadania

empregada nas propostas curriculares oficiais. De fato, seus entendimentos não demonstram o ensino com o mesmo apego à noção de cidadania como “reconhecimento de direitos e deveres” e de “intervenção”, muito presente num passado próximo.

[...] a escola do jeito que ela está não constrói cidadania, os conteúdos, as disciplinas e os conteúdos também não constroem cidadania. (I)

Assim, existe um processo endógeno de ressignificação da noção de cidadania oriunda da última grande reforma educacional no que tange ao ensino escolar de Sociologia. O imaginário elaborado expressa esse ensino e seus conhecimentos em relação a uma noção de cidadania entendida como a compreensão das posições sociais e dos comportamentos determinados pelas hierarquias da sociedade. A cidadania parece ser entendida como um processo de reconhecimento das correlações de forças existentes entre os sujeitos e as questões sociais. Ela carrega os elementos de crítica e de ajustamento no mesmo contexto.

[...] tem que discutir a questão social, o objetivo dela é exatamente esse, criar situações onde se possa discutir a cidadania, a construção dos direitos na sociedade moderna, mais tem que fazer uma relação com o que é ser cidadão na sociedade capitalista. (J)

[...] Mas também não tem como darmos aula de sociologia sem falar em cidadania, sem falar em direitos, mas também é importante que eles desenvolvam, sim, o hábito da leitura, da interpretação, não penso nessa coisa rígida da LDB não. (D)

Cabe ressaltar que, em muitos casos, a noção de cidadania aparece revestida da ideia de um ensino que ofereça uma formação crítica e que prepare os estudantes para conviver na sociedade de forma mais democrática e consciente a partir da desnaturalização das relações de poder.

[...] a necessidade dela para formação da mente do indivíduo, da necessidade de formação enquanto cidadão, eu acredito que é porque normalmente a sociologia vem contestar muito essas relações de poder. (H)

É nesse horizonte, portanto, que a noção de cidadania é empregada, ela aparece como uma construção teórica e prática associada a uma postura de

criticidade, entretanto, não em relação às estruturas de poder da sociedade, mas relacionada ao reconhecimento do ser social.

[...] o objetivo é sempre maior, é sempre uma reflexão do indivíduo como um ser dentro da sociedade. Um ser pensante, que precisa interagir. (F)

[...] É um avanço do indivíduo se reconhecer como sujeito e as possibilidades dele estar intervindo. Eu acredito que a sociologia é instrumento para isso. (E)

Assim, a noção de conhecimento escolar de Sociologia relaciona a cidadania e crítica com a consciência, não no sentido da transformação social, mas antes entendida como construção de uma identidade social, politizada ou não, mas que ajude os estudantes a compreenderem as implicações da vida em sociedade e as suas determinações. Seu exercício permite ao estudante analisar, compreender e explicar, com mais clareza, os processos ideológicos que permeiam suas vidas. As categorias fornecidas pela sociologia funcionam como a mediação pedagógica para desconstruir as explicações e perspectivas historicamente construídas pelos discursos que estruturam a sociedade.

[...] eu acredito é que vai existir, se for possível mesmo a legitimação da sociologia e da filosofia no ensino médio, que forme indivíduos mais politizados. Eu acredito que o Brasil seja um dos países menos politizados do mundo. Não precisa fazer ciências sociais, mas o fato deles saírem com um germen de um conhecimento, de uma crítica social, da percepção que não é natural, que aquilo é construído e pode ser modificado. E isso eu acho muito importante. Eu acho que vai formar uma geração completamente diferente dessa geração nossa. (F)

[...] é vergonhosa a posição do brasileiro hoje em dia com relação à política, com relação ao cotidiano, com relação à escola, porque não tem como você, a partir do momento que você não tem reflexão nenhuma sobre seu cotidiano, sobre quem você é, sobre de que maneira que você é socializado, você achar que isso tudo é natural, você ter condições de agir, de modificar; então, acaba sendo uma coisa muito direcionada para o trabalho, para a relação profissional, “ganhar mais”, tanto faz se é explorado ou não, o que importa é o dinheiro que você tem, o carro que você tem, a casa que você tem. (B)

A imagem que se sobressai das percepções dos professores se aproxima daquela máxima de que o ensino de Sociologia “seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações” (FERNANDES, 1977, p. 106). Tem-se um estímulo ao conhecimento escolar de Sociologia como uma espécie de *auto entendimento* por parte dos estudantes canalizados pela reflexão sociológica.

[...] cabe oferecer ao aluno uma capacidade de entendimento, de formação de um olhar crítico, a capacidade de um engajamento na sociedade, de forma participativa, de forma que ele atue, que ele seja um sujeito social, com todos os direitos que já está aí. Para mim, cabe essa definição do ensino da sociologia como uma forma de instrumentalizar o aluno para uma participação crítica para ser um sujeito social. (J)

[...] entender a sociologia e a filosofia como conhecimento que as pessoas têm que ter acesso porque é conhecimento acumulado pela humanidade e com um objetivo muito específico que é desnaturalizar as relações sociais, a sociologia é a ciência que tem esse papel de mostrar as relações sociais como algo que não é natural, é algo construído socialmente, culturalmente e economicamente. (A)

Com base nessa premissa, o ensino escolar de Sociologia fica possível de ser entendido como uma relação de ensino e aprendizagem preocupada em apresentar e/ou perceber as tramas de relações e fenômenos existentes na sociedade, enquanto caberia aos seus conhecimentos equacionar as condicionalidades e os problemas com suporte em um contexto histórico e social específico. Seu pressuposto é o compromisso de reconstruir os nexos das explicações dos fenômenos sociais relacionando o ensino escolar de Sociologia ao desenvolvimento histórico da sociedade.

Mas, para que isso aconteça, os professores demonstram outra dimensão do conhecimento, que envolve um sentido mais sociológico ou científico, característica da sua formação acadêmica e dos avanços nos debates sobre o ensino escolar de Sociologia. Desta forma, grosso modo, definem que o conhecimento consiste numa sistematização de saberes “didatizados” que buscam apresentar e explicar os fenômenos sociais de forma que possam se estabelecer algumas conexões orgânicas entre o pensamento sociológico e o cotidiano dos estudantes, no sentido de formar laços entre ciência e realidade, almejando tornar visível o invisível.

[...] Se eles conseguirem fazer essa conexão é isso que eu quero. Então, meu objetivo é, assim, uma mescla do que eu tenho como conteúdo, mas principalmente o desenvolvimento do raciocínio para chegar naquele conteúdo. [...] é para começar a implantar o germezinho do questionamento, de como é que funciona isso, de como é que funciona aquilo, porque isso, porque aquilo. (H)

[...] o papel é refletir sobre abandonar o senso comum e ter uma explicação mais científica, e a partir daí, trabalhar com exemplos. (A)

Desta forma, o conhecimento escolar de Sociologia pode ser entendido como um conjunto de disposições próprias às ciências sociais e que podem facilitar os estudantes a questionar os contextos de ação social nos quais estão inseridos e, por fim, desenvolver suas posições. Independente da maneira como será organizado o programa de estudos, o ensino deve proporcionar ao estudante o desenvolvimento da capacidade de analisar sociologicamente a realidade social. Esse outro olhar é relacionado diretamente com os resultados obtidos pelo estranhamento e a desnaturalização da própria realidade individual e das realidades diferentes. O foco é o ensino escolar de Sociologia como possibilidade de reconhecimento das contradições sociais.

[...] Lá nas minhas aulas introdutórias, inclusive, entra isso; Que o tempo inteiro eu estarei dando subsídios para que eles criem a própria visão de mundo. Que eles pensem, reflitam, e cheguem a um ponto de ter uma autonomia de reflexão. Não ir só pelas ideias dos outros e etc. (D)

[...] no começo mostra um pouco sobre a questão da ciência mesmo, porque você pergunta para eles o que é ciência? Eles não sabem! Mostrar as formas de conhecimento que existem, depois eu faço uma retomada histórica com eles para mostrar o impacto de alguns acontecimentos no surgimento da sociologia. (G)

Trata-se de uma relação de sentido engendrada pela mediação da ciência com a realidade que pode se enraizar na vida individual e social dos estudantes, mas é antes uma relação com um saber representada por um ensino cujas especificidades estão centradas no estímulo e no desenvolvimento de novas atividades cognitivas por parte de quem aprende.

[...] É, porque, muitas vezes eu me pego falando para eles: “Porque que vocês aceitam, vocês não precisam aceitar,

vocês não precisam se conformar com tudo. [...] Porque muitas vezes eles falam: Professora, pra quem a gente reclama? Como é que a gente faz pra que isso mude? (J)

[...] a gente sabe que isso é difícil, vai depender da escrita, vai depender da leitura, vai depender da interpretação, vai depender da visão de mundo. Então, a gente tem, eu tenho uma preocupação bastante grande nesse sentido. (D)

Observa-se que isso pode ser desenvolvido por meios diversificados: estimulando a linguagem e a escrita mediante o léxico da sociologia; apresentando e problematizando debates sobre temas importantes; sistematizando as categorias e noções de sociedade, cultura, trabalho. Trata-se de apresentar aos educandos, com suporte no prisma sociológico, um olhar sobre a sociedade e as relações de poder que a compõem.

[...] algumas coisas básicas, que são conhecimentos básicos da sociologia que o aluno precisa ter para entender, mesmo sendo aluno do campo, da grande cidade, os alunos do interior, ele vai precisar ter um determinado conhecimento. De conceitos básicos, temas que a sociologia estuda, aborda e etc.. E depois deixar um espaço para as especificidades. [...] Mas, sempre colocando as questões, abrindo para o debate, mas a partir dos fundamentos científicos, teóricos, metodológicos. Então, eu não vou sem nada científico ali, pois, tem que fundamentar. (J)

Ante o exposto, considera-se relevante assumir o caráter teórico da ciência como elemento fundamental do ensino. Vivemos em contextos de ação social amplamente objetivados por estruturas que determinam nossas posições no mundo e que nos são apresentados ao longo da escolarização por meio de modelos de explicação que naturalizam os eventos. Quer dizer, o estudante é levado a absorver os dados da vida social como resultado de tendências naturais. Assim, o conhecimento escolar de Sociologia carrega consigo a preocupação de iniciar um processo de não-relativização dos objetos e das relações de poder subsequentes.

[...] a primeira coisa essencial é a desnaturalização do mundo. Isso pra mim, assim, é o que, por mais que eu não fale muito nisso, muitas vezes em sala, mas é o esforço, o tempo inteiro, de fazer perceber que têm coisas por trás. Coisas por trás, construção daquela realidade. Isso daí é o primordial. (H)

A sociologia é definida como um meio de adquirir certa racionalidade. Trata-se de fazer com que o estudante se insira num processo em que o contato e as experiências com os saberes sociológicos universais se transformem no ato de pensar sociologicamente. O ato de conhecer implica no ato de estar informado para se comunicar, potencializa o processo epistemológico de conhecer outras formas de apreender a realidade social.

[...] então se você leva a discussão da sociologia, a questão da reflexão, eu costumo fazer muitos debates em sala, com temas, contextos fechados, para não ficar naquela eu acho isso, acho aquilo. Então considero que é importante justamente por isso, o aluno passa a ver de uma outra forma. [...] a importância da sociologia está nisso (reflexão). Porque em nossa sociedade as pessoas nascem, crescem e se reproduzem e não param pra pensar porque que temos que levantar às seis horas da manhã, pegar um ônibus e trabalhar oito horas por dia, ralar e estudar a noite e não consegue sair do lugar. Ele (o estudante) não vai conseguir mudar isso, mas pelo menos ele vai entender, vai compreender. Acho que primordialmente é o reconhecimento dele próprio na sociedade. (I)

Assim, o exercício de pensar sociologicamente é expresso como um ato essencial de reconhecimento do sujeito social, sendo o ensino escolar uma mediação pedagógica necessária à formação dos jovens em relação às condições histórico-sociais concretas da modernidade. No caso, essa necessidade tem sido justificada à luz do entendimento de que a existência social carece dessa mediação, ou seja, é preciso situar os estudantes para interpretação e compreensão do mundo, quer dizer, situá-los em relação ao mundo. O estudo de um universo teórico sem evidenciar as tensões existentes na realidade social pode tornar o ensino e aprendizagem de sociologia sem significância para a vida do estudante, comprometendo a consolidação desse conhecimento perante a comunidade escolar.

[...] Para ensinar ao cara que tem regras, normas e leis preparando o cara para o sistema capitalista, que tem uma hierarquia e tudo que for ferir essa ordem, essa hierarquia, é tirado fora. (I)

[...] interessa a mediação que você faz e que ele compreenda isso no cotidiano. (F)

É bastante recorrente a ideia de que o conhecimento escolar de Sociologia pode auxiliar os estudantes em seu processo de construção de identidade

individual e coletiva. Isso é definido com base no entendimento de que as suas mediações com a realidade social podem proporcionar a inserção, pelo menos teoricamente, nas práticas de intervenção social. Entretanto, os professores expressam a ideia de que é preciso que o ensino de Sociologia esteja atento para a ambivalência dessas mediações, preocupando-se em direcionar seus esforços nos aspectos desconstruídos e emancipatórios de seus conhecimentos. Assim, a preparação e a inserção *consciente* dos jovens no processo político-cultural da sociedade tem se colocado como um dos principais vieses do ensino escolar de Sociologia.

[...] não trata só de um conteúdo, não é só uma disciplina, tem toda uma formação de socialização do sujeito, todo um desenvolvimento cultural, enfim essas coisas, então é uma disciplina importante, que possibilita que o aluno compreenda muito mais do que um currículo, compreenda o que ele representa enquanto sujeito mesmo. Você ver um aluno começando a se preocupar, por exemplo, com a família dele, com a comunidade dele. [...] Então a disciplina ela tem uma função social mesmo, não só da formação dos conteúdos, mais uma formação social no sentido pleno mesmo desse homem mesmo, o que em outras disciplinas não tem. (A)

[...] então, assim, quando a gente consegue realmente trabalhar com esses temas tão difíceis, porque você está lidando com dogmas, você está lidando com concepções arraigadas de preconceitos, quando você consegue realmente desnaturalizar essas coisas, quando você consegue sair do senso comum, o retorno é muito bom e isso é estimulante. (A)

Isto quer dizer que o processo de ensino e aprendizagem de Sociologia é posto como um processo de construção de objetos de conhecimento que respondem a uma função predeterminada a algo particular. A saber, a formação da perspectiva sociológica, no sentido de que ela servirá como aporte para que o estudante possa conscientizar-se da sua condição social concreta, seja onde for e da maneira que ele julgar conveniente.

[...] Eu vejo assim o papel da sociologia no ensino médio é criar uma pessoa que consiga refletir sobre a situação e é também facilitar para aquele que vai posteriormente continuar os estudos, para que ele tenha novos elementos ao definir a sua área, que ele tenha uma compreensão

mais crítica, eu acho que a sociologia ela é fundamental nisso. Independente do que ele vai fazer que ele tenha elementos para compreender criticamente o que ele está fazendo. (F)

[...] a sociologia está muito vinculada a uma necessidade para a formação para a vida, a vida social. Porque a gente traz conteúdos, temas e conceitos que usamos para a vida em sociedade, independente se eu vou usar isso na minha profissão, no meu relacionamento, na minha atividade cotidiana, na minha atividade na minha comunidade, se eu vou ser engajado politicamente ou não. (I)

Parece bastante claro o papel que é atribuído à Sociologia na formação dos estudantes. O ensino tem se preocupado com a construção de um conhecimento cujo conteúdo tenta não se restringir a um tipo de conhecimento ancorado em questões formais, antes, como instrumento de mediação da realidade histórica entrelaçado com um tipo de prática epistemológica e pedagógica baseada num processo reflexivo, cujas características são a criatividade e a crítica desconstrutiva. “Trata-se de uma apropriação, por parte dos educandos, de um modo de pensar distinto sobre a realidade humana, não só pelo aprendizado de uma teoria, mas pelo contato com diversas teorias e com a pesquisa sociológica, seus métodos e seus resultados” (SARANDY, 2003, p. 5).

[...] nosso papel é questionar. Então, muitas vezes a direção até gostaria que a gente não estivesse presente, porque nosso papel é questionar. Isso é o bacana de sociologia, porque qualquer assunto você pode desnaturalizar, você pode desconstruir, você pode mostrar outros elementos para construir novamente; É um constante processo de construção e desconstrução. (I)

[...] ajuda a conhecer nossos costumes, as nossas práticas, a nossa organização social, as contradições que existem dentro dessa estrutura. (E)

[...] o papel da sociologia é levar a reflexão, é levar à dúvida, é isso que eu vejo. Nem sempre nós estamos pensando “o por que” estamos agindo ou não de determinada forma, esse é o papel da sociologia no ensino médio. (H)

Esse debate é fundamental, pois coloca em discussão a estruturação da dimensão política da disciplina. A noção de conhecimento escolar de Sociologia parece se pautar na constituição de uma relação mais autônoma

com os saberes e conhecimentos, o que representa a insistência em um ensino que provenha os estudantes de um referencial sociológico como aporte reflexivo da realidade social.

O conhecimento escolar de Sociologia é construído como um contraponto às tendências alienantes presentes na sociedade, procurando sempre situar os estudantes como sujeitos produtores de relações sociais e capazes de modificá-las. Em síntese, o fundamento do ensino escolar de Sociologia é a própria reflexão sociológica preocupada em constituir cidadãos reflexivos, não alienados. Então, esse conhecimento é composto por referenciais para se refletir sobre a sociedade por meio do estímulo a uma melhor convivência. Assim, as suas competências podem nos auxiliar a enfrentar a complexidade e as contradições da realidade social.

[...] Eu entendo como sendo necessária essa formação para a vida em sociedade, porque querendo ou não agente não tem como fugir de certas imposições. Para isso eu preciso entender o que é sociedade, o que foi a sociedade ontem, hoje, amanhã, o que é a sociedade do outro lado do mundo, o que a sociedade pode vir a ser ou não dependendo de nossas escolhas. (B)

[...] O que entendo é que essa formação é muito abrangente e talvez a sociologia tenha uma dificuldade realmente é de foco, talvez tenha essa dificuldade de focar: formação para cidadania ou para a profissão? No meu entendimento é formação para vida, envolve cidadania, envolve profissão, envolve qualquer circunstância, então, acho que a sociologia contribui para a formação do indivíduo. (C)

Com efeito, não se trata de um retrato formal da realidade, apesar dos debates que envolvem essa questão. Antes, o ensino aparece como uma intenção de produzir um momento criativo que reflita, por um lado, a imaginação sociológica, e do outro, que provoque a imaginação de quem aprende, combinando ambos os momentos. Seu objetivo, ao recorrer às explicações científicas sobre os temas importantes para a formação dos estudantes, é enfatizar a possibilidade de se pensar sociologicamente as situações diversas presentes nas suas vidas.

Demonstra-se a preocupação de que o conhecimento escolar de Sociologia sirva como subsídio ao ponto de partida das reflexões sobre a realidade social. Tal conhecimento é colocado como um conjunto de saberes sociológicos em estado de mobilização, substituindo o saber fechado e estático por

um conhecimento aberto e mais dinâmico. Para ensinar Sociologia é preciso admitir que tanto sujeito quanto objeto estão presentes no cerne do conhecimento, já que seu ensino envolve razões subjacentes aos seres humanos e, por isso, naturalmente, tem um substrato comum de identidade com as coisas do mundo da vida e do trabalho. Os seus sentidos são concebidos numa dimensão que possibilita a compreensão das interações sociais entre sujeito e objeto.

Os professores sinalizam que é preciso colocar a ideia do sentido do conhecimento anexada ao ensino. Em relação a isso, não se trata somente de *que capacidades específicas esse ensino pode desenvolver*, importa na mesma medida qual o seu significado. O sentido tem que permanecer presente durante o processo didático-epistemológico. O que se pretende é que o conhecimento escolar de Sociologia contribua para que o estudante desenvolva outra visão sobre a sociedade moderna, diferente do senso comum, e que possa compreender melhor a dinâmica da vida em sociedade, a começar do projeto sociocultural oferecido pelo ensino da disciplina escolar de Sociologia, cujo sentido fundamental é estabelecer as possíveis conexões entre as questões da sociedade e as experiências individuais dos estudantes, demonstrando a necessidade de se tomar consciência sobre tais questões.

## À guisa de conclusão

O conhecimento escolar de Sociologia tem se caracterizado pela busca de um saber onde o sujeito possa adquirir as informações proporcionadas pelas situações de ensino e utilizá-las em seu processo de compreensão dos nexos oriundos das relações de causalidade que dão origem aos fenômenos sociais. As percepções dos professores empregadas na construção da noção de conhecimento demonstram essa terminalidade, mesmo que muitos se mostrem céticos quanto a isso. O que também é importante, pois significa que as relações de poder que envolvem o sistema de ensino escolar e as questões relativas ao indivíduo não são negadas.

Conforme acompanhamos, os desenvolvimentos teóricos em torno da noção de conhecimento escolar de Sociologia elevaram-na a outro patamar, colocando em evidência a produção de conhecimentos sociológicos no sistema de ensino escolar, em oposição a um ensino cuja função manifesta é apenas de adaptação. Recorreu-se aos professores para compreender como esse contexto se reflete nas práticas pedagógicas. O estudo das dimensões internas do conhecimento escolar de Sociologia nos mostra que a objetivação do conhecimento acompanha de maneira próxima o contexto hibridizado entre as noções de ciência, cidadania e crítica, pois, ao misturar os aspectos de ambas, se fabrica num movimento de *transitoriedade* entre elas.

Existe, de fato, uma preocupação de que o conhecimento escolar de Sociologia provoque o ensejo nos estudantes em relação a algumas competências consideradas úteis em suas vidas. O sentido do conhecimento incorre em estimular tais competências mais do que trabalhar apenas autores, conceitos complexos e teorias compactadas. Tem-se o entendimento de que, no ensino médio, o estudante precisaria, antes, compreender que os fenômenos que permeiam o seu cotidiano podem ser explicados mediante os referenciais teóricos oferecidos pela ciência. Isso representa, na prática, que o estudante entenda como se processa a elaboração teórica sobre a realidade, ao mesmo tempo em que se apresenta a sua utilidade de síntese cognitiva. A primazia do conhecimento escolar de Sociologia é um enfoque conceitual e temático, simultaneamente, mas que oscila quando confrontado com o seu pressuposto cientificista, no que se refere às incursões históricas para entender as correntes teóricas da sociologia.

A identidade desse conhecimento é fundamentada, em última instância, nas competências, mesmo que seus pressupostos e suas definições por vezes refutem essa ideia. A relação com estabelecimento de competências é apresentada pelos professores não como um fim em si, mas aparece nas entrelinhas. Quer dizer, apesar de enaltecerem a reflexão sociológica, optam, em muitos casos, em não fazer Sociologia pela Sociologia. Quem faz a reflexão é o próprio professor, ao estudante é apresentada a síntese e espera-se que ele a transforme em significado. Assim, a metodologia científica, no caso a Sociologia, é colocada como unificadora de certas competências exigidas. Aos estudantes serve ter contato com ela para aprenderem a mobilizar alguns saberes que os ajudarão a ser mais competentes para viver em sociedade.

A noção de conhecimento escolar de Sociologia construída pelos professores demonstra um movimento típico de *transitoriedade*, pois, apesar de suas preocupações científicas, no sentido de assumir como critério a metodologia para o encadeamento das decisões pessoais, ela converge por alguns motivos na preocupação com a aquisição de competências, representadas pela abordagem temática. Assim, o tipo de conhecimento não proporciona ao estudante tornar-se competente para avaliar qual método é o mais adequado para solucionar um determinado problema de conhecimento, antes, preocupa-se em apresentar ao estudante a sociedade e torná-lo competente para se relacionar com as questões sociais. O conhecimento é reflexivo e instrumental simultaneamente, porque faz uso do método científico – não para a investigação, mas como contraponto ao senso comum – ao passo que problematiza as questões sociais para prepará-lo para a vida em sociedade.

A competência central não é a interpretação dos métodos que sustentam os discursos sobre os fenômenos sociais, mas proporcionar um tipo de leitura sobre

a sociedade com intuito de estimular a reflexão, que não é necessariamente sociológica em alguns casos. Não é em vão a recorrência da ideia da desnaturalização, que mobiliza ao mesmo tempo os dois tipos de conhecimento: reflexivo porque se propõe relativizar os fenômenos; e instrumental, porque apresenta um tipo de síntese que pode estimular o estudante a alterar a sua maneira de se relacionar com a sociedade, num sentido holístico.

Uma *transitoriedade* se materializa quando pensamos que a competência central não é interpretar os métodos que sustentam os discursos sobre os fenômenos sociais, mas estabelecer a relação com as questões práticas. Ou seja, o método científico é utilizado para definir a disciplina, mas não como caminho para o conhecimento reflexivo e a desnaturalização. Compete ao conhecedor apenas compreendê-lo bem, quer dizer, ser competente na utilização do método científico significa, portanto, ser competente para conhecer e avaliar as informações que derivam de seu uso.

Ou seja, o caminho para o conhecimento tem como pressuposto o método científico e como finalidade a aquisição de tais competências. Esse fato pode ser reflexo das transformações dos paradigmas à medida que não se tem um currículo definido e o ensino fica sujeito a interpretações que buscam englobar todas as vicissitudes. A concepção de que o conhecimento escolar de Sociologia deveria desenvolver o raciocínio sociológico veio para combater a mecânica das competências, mas não consegue se desarticular delas, muito em virtude das questões estruturais que envolvem o sistema de ensino escolar.

**ABSTRACT: The context about the Sociology school teaching through a time of divergence of interests and uncertainties for the foundations and objectives of your notion of knowledge. This happens to the extent that the construction of their knowledge reflects, on the one hand, the external demands of school and other domestic provisions on what is important to the learning process of students. This situation has a direct influence on how this knowledge has been made, so we need to understand how this situation interferes on the construction of school knowledge of Sociology process and configuration of their teaching practices. This article seeks to discuss some of the implications from interviews with teachers about their representations of Sociology school teaching.**

Artigo

Recebido: 13/07/2014

Aprovado: 02/09/2014

**Keywords:**

**Teachers.  
Representations.  
Education.  
Sociology.**

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília, DF: MEC, 2006.

CHATEL, Elizabeth. Histoire de la constitution d'une discipline: les sciences économiques et sociales. *Société française*, n. 33, octobre-décembre, 1989.

FERNANDES, Florestan. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: \_\_\_\_\_. *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 105-120.

MORAES, Amaury César. O Veto: o sentido de um gesto. *Boletim Sinesp*, São Paulo, p.10-12, nov. 2001.

\_\_\_\_\_. Por que Sociologia e Filosofia no ensino médio? *Revista de Educação*, São Paulo, n.10, p.50-52, abr., 1999.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*. 2004. 142p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. *Das fronteiras entre ciência e educação escolar: as configurações do ensino das Ciências Sociais/Sociologia, no Estado do Paraná (1970-2002)*. 2006. 312p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.